

VARIAÇÕES INTERÉTNICAS

etnicidade, conflito e transformações



Organizadores

Stephen Grant Baines
Cristhian Teófilo da Silva
David Ivan Rezende Fleischer
Rodrigo Paranhos Faleiro



VARIAÇÕES INTERÉTNICAS

etnicidade, conflito e transformações

Ministério do Meio Ambiente
Izabella Teixeira

**Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos
Recursos Naturais Renováveis**
Curt Trennepohl

Diretoria de Planejamento, Administração e Logística
Edmundo Soares do Nascimento Filho

Centro Nacional de Informação Ambiental
Jorditânea Souto



VARIAÇÕES INTERÉTNICAS

etnicidade, conflito e transformações

Organizadores

Stephen Grant Baines
Cristhian Teófilo da Silva
David Ivan Rezende Fleischer
Rodrigo Paranhos Faleiro

Brasília, 2012

EDIÇÃO

Universidade de Brasília – UnB
Instituto Internacional de Educação do Brasil – IEB
Centro de Pesquisa e Pós-Graduação Sobre as Américas – CEPAC
Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos
Naturais Renováveis – Ibama

Produção Editorial

Centro Nacional de Informação Ambiental – Cnia

SCEN - Trecho 2 - Bloco C - Edifício-Sede do Ibama

CEP 70818-900, Brasília, DF - Brasil

Telefones: (61) 3316-1225/3316-1294

Fax: (61) 3307-1987

<http://www.ibama.gov.br>

e-mail: editora@ibama.gov.br

Equipe Técnica

Capa e diagramação

Paulo Luna

Normalização bibliográfica

Helionídia C. Oliveira

Revisão

Maria José Teixeira

Enrique Calaf

Vitória Adail Brito

Catálogo na Fonte

Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

V299 *Variações interétnicas: etnicidade, conflitos e transformações – Stephen Grant Baines...[et al.]. Organizadores. – Brasília: Ibama; UnB/Ceppac; IEB, 2012.*

560 p. : il, color. ; 21 cm

ISBN 978-85-7300-362-8

1. Etnia. 2. Índio. 3. Recursos naturais. 4. Desenvolvimento sustentável. I. Baines, Stephen Grant. II. Silva, Cristhian Teófilo da. III. Fleischer, David Ivan. IV. Faleiro, Rodrigo Paranhos. V. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. VII. Cnia. VIII. IEB. IX. UnB. X. Título.

CDU(2.ed.)502.175(047)



Atribuição-Uso não-comercial-Compartilhamento pela mesma licença
CC BY-NC-SA

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Agradecemos

*À Joritânea Souto,
ao Paulo Luna e à equipe
do setor de editoração do Ibama,
ao Programa de Pós-Graduação em
Estudos Comparados sobre as Américas
do CEPPAC/UnB
e à Maria José Gontijo
do Instituto Internacional de
Educação do Brasil.*

Sumário

Apresentação 11

Introdução 13

Primeira variação: identidade, movimento e territorialização

Capítulo 1 Contatos interétnicos em regiões de fronteiras:
a visão dos Ticuna e dos Galibi do Oiapoque. 19
Claudia López Garcés

Capítulo 2 Memória, identidade e território dos Arara:
uma análise a partir do contexto de identificação da Terra
Indígena Arara do Igarapé Humaitá/AC, Brasil. 43
Cloude de Souza Correia

Capítulo 3 Os Laklãñõ na região do Alto Vale do Itajaí, estado de Santa
Catarina, Brasil. 59
Alexandro Machado Namem

Capítulo 4 Wyty-Catê: cultura e política de um movimento
Pan-Timbira. 97
Jaime Garcia Siqueira

Capítulo 5 Uma aventura entre a cruz e a espada que mudou a história:
20 anos de luta indígena no Rio Negro. 129
Gersem José Santos Luciano

Segunda variação: desenvolvimento e meio ambiente

Capítulo 6 A natureza dos povos indígenas e os povos indígenas e a
natureza: novos paradigmas, desenvolvimento sustentável e a
politização do bom selvagem. 165
Thiago Ávila (in memoriam)

Capítulo 7	Trocando vitalidade: um exemplo de manejo ecológico no noroeste amazônico. 177 <i>Luis Cayón</i>
Capítulo 8	Ecoturismo e conservação no litoral norte da Bahia: um olhar sobre a interação entre cientistas conservacionistas e a comunidade costeira. 205 <i>David Ivan Fleischer</i>
Capítulo 9	Os Tremembé do litoral nordestino e um empreendimento turístico internacional. 229 <i>Isis Maria Cunha Lustosa e Stephen G. Baines</i>
Capítulo 10	São Thomé das Letras e São Jorge: gênese, conflito e identidade na constituição dos atrativos para um mercado turístico. 247 <i>David Ivan Fleischer e Rodrigo Paranbos Faleiro</i>
Capítulo 11	Dois conceitos articuladores no contexto indigenista de Roraima: projeto e desenvolvimento.283 <i>Maxim Repetto</i>
Terceira variação: conflitos, direitos e Estado	
Capítulo 12	Náwa, índios ou ribeirinhos? Quando os órgãos públicos entram em conflito. 321 <i>Rodrigo Paranbos Faleiro</i>
Capítulo 13	Conflito socioambiental sobre a gestão dos recursos naturais e simbólicos do território do Monte Pascoal e seu entorno. 339 <i>Luis Guilherme Resende de Assis</i>
Capítulo 14	Projeto de mineração do São Francisco e da Terra Indígena Araré/MT: um caso de negação ao exercício da governança local 351 <i>Cláudia Tereza Signori Franco</i>
Capítulo 15	A identificação de terras indígenas como objeto de investigação antropológica. 367 <i>Rodrigo Pádua Rodrigues Chaves</i>

Quarta variação: etnicidade, midiaticização e outras metamorfoses

- Capítulo 16 Por uma Antropologia visual das relações interétnicas: impressões sobre a exclusão social e a inclusão da arte indígena em Vancouver, Canadá. 399
Cristhian Teófilo da Silva
- Capítulo 17 Além da técnica: o simbólico nas artes indígenas. 419
Katianne de Sousa Almeida
- Capítulo 18 Um estudo das transformações musicais e festivas entre os Kalunga de Teresina de Goiás, Brasil. 447
Thais Teixeira de Siqueira
- Capítulo 19 Los petroglifos de América del Sur. 467
Santiago Plata Rodríguez
- Capítulo 20 Comentários sobre Yanomamo Series. 479
Maria Inês Smiljanic
- Capítulo 21 Metamorfoses Sanumá e a subjetivação dos objetos. 497
Sílvia Guimarães

Quinta variação: perspectivas extracontinentais

- Capítulo 22 Identidades sociais no Líbano: sectarismo, etnicidade e outras variáveis. 511
Leonardo Schiocchet
- Capítulo 23 De anedotas antropológicas a perspectivas do contato em África: reflexões Herero. 539
Josué Tomasini Castro

Apresentação

Está completando 15 anos que o Grupo de Estudos em Relações Interétnicas (Geri) surgiu, em 1997, a partir de uma conversa entre Maxim Repetto que, à época, estava cursando o doutorado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília, e Stephen G. Baines, professor do Departamento de Antropologia, que vem coordenando o Grupo desde o início. Nos anos anteriores, organizamos alguns seminários sobre temas relacionados à etnologia indígena com enfoque em relações interétnicas, e com a criação do Geri, sistematizamos reuniões informais em que alunos da pós-graduação e da graduação em Antropologia, professores, indigenistas e outros podiam apresentar suas pesquisas relacionadas a temas de relações interétnicas, no sentido amplo. As reuniões do Geri, que vêm acontecendo de três em três semanas, nas tardes de sextas-feiras, tornaram-se um espaço para discutir pesquisas em andamento, teses de doutorado e dissertações de mestrado e de graduação em fase de elaboração final ou já defendidas, além de trabalhos de indigenistas interessados em compartilhá-los num ambiente acadêmico com a presença de alguns dos alunos mais dedicados do Departamento de Antropologia. As reuniões do Geri representam um espaço para discussões livres de professores e alunos, muitos dos quais trabalham em etnologia indígena, mas não exclusivamente, abrangendo outras pesquisas que lidam com relações interétnicas.

Com a saída de Maxim Repetto para realizar sua pesquisa de campo sobre organizações indígenas e educação superior indígena em Roraima e, posteriormente, para assumir o cargo de professor concursado do Núcleo Insikiran de Formação Superior Indígena na Universidade Federal de Roraima, outros alunos e ex-alunos do Departamento de Antropologia da UnB (DAN) assumiram voluntariamente a organização das reuniões do Geri. Foi criada uma home page no site da UnB com a colaboração de Maxim Repetto e, posteriormente, de Cristhian Teófilo da Silva, então aluno de doutorado do Departamento de Antropologia, depois professor concursado do Ceppac/UnB. Em 2006, o Geri passou a constar como evento de extensão da UnB, atraindo mais alunos e pessoas interessadas.

A partir de 2009, o Geri foi ampliado incluindo o Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre América Latina e Caribe (Ceppac), da UnB, tendo os professores Stephen G. Baines e Cristhian Teófilo da Silva como coordenadores pelo DAN e pelo Ceppac, respectivamente.

Ao completar 10 anos, o Geri e os seus atuais colaboradores Cristhian Teófilo da Silva e Rodrigo Paranhos sugeriram a publicação de um livro que reunisse alguns dos trabalhos apresentados. A resposta nos surpreendeu e muitas pessoas expressaram seu interesse em publicar artigos baseados nas suas apresentações.

A partir de intenso diálogo com os autores, que perdurou 3 anos, os quatro organizadores deste livro prepararam o material que o compõe. Em seguida, ao iniciarem os contatos com possíveis editoras que pudessem editá-lo, foram surpreendidos com a manifestação de interesse de quatro delas. Após quase um ano de negociação com várias editoras interessadas na publicação, o livro foi encaminhado às Edições Ibama, que realizou os serviços de editoração e disponibilizou o livro gratuitamente em seu catálogo virtual. Já a impressão desse livro foi viabilizada graças ao apoio financeiro de coeditores, Instituto Internacional de Educação do Brasil, Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas do CEPPAC da Universidade de Brasília, Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas e Departamento de Antropologia.

O conjunto de trabalhos disponibilizados neste livro reforça a seriedade de experiências nascidas na informalidade ou no compromisso com um tema. Dividida em cinco partes, a obra contempla com excelência temas e recortes ainda pouco explorados, abrindo espaço para novas discussões e reflexões no campo das relações interétnicas. Com este livro, convidamos os leitores a navegarem por essas páginas em uma singular experimentação de alteridade por meio das relações interétnicas.

QUARTA VARIACÃO

etnicidade, midiatização
e outras metamorfoses



Capítulo 20

Comentários sobre *Yanomamo Series*¹

Maria Inês Smiljanic

Yanomamo Series reúne 22 filmes realizados por Timothy Asch e Napoleon Chagnon entre os Yanomami na Venezuela. Esses filmes, produzidos a partir de uma parceria estabelecida entre um cineasta e um antropólogo, levam-nos a refletir sobre as possibilidades criadas pelo uso da linguagem cinematográfica na Antropologia e sobre questões culturais, éticas e legais envolvidas na produção e distribuição de filmes etnográficos.

Timothy Asch e Napoleon Chagnon realizaram suas primeiras filmagens em 1968 como membros de um grande projeto multidisciplinar dirigido pelo geneticista James Neel e financiado pela Divisão de Biologia e Medicina da Comissão de Energia Atômica estado-unidense². Ainda em 1968, Chagnon estabeleceu contato com os miximiximapöweiteris, interessado em coletar informações históricas e genealógicas entre eles. Em 1970, Chagnon retornou sozinho aos miximiximapöweiteris, onde registrou as imagens de dois dias consecutivos de uma sessão xamânica. Asch e Chagnon retornaram aos Yanomami em 1971 e auxiliados por Craig Johnson – que havia participado da edição das imagens tomadas por Chagnon em 1970 – registraram as cenas que deram origem à maior parte dos filmes dessa série³.

Vinte e um dos filmes que compõem *Yanomamo Series* – *Arrows; The Ax Fight; Bride Service; Children's Magical Death; Climbing the Peach Palm; A Father Washes His Children; The Feast; Firewood; Jaguar; a Yanomamo Twin Cycle Myth; Magical Death; A Man and His Wife Make a Hammock; Man Called Bee: Studying the Yanomamo; Moonblood: A Yanomamo Creation Myth; Myth of Naro, as told by Dedebeiva; Myth of*

¹ Uma versão desse texto foi apresentada na mesa-redonda Timothy Asch entre os Yanomami no Forumdoc.BH.2006: 10º Festival do Filme Documentário e Etnográfico. Agradeço aos organizadores do Forumdoc, especialmente ao Paulo Maia, pelo convite para participar dessa mesa, e ao Stephen Baines pelo convite para expor este trabalho nos seminários do Geri-UnB.

² Atkins e Asch (1993, p. 34).

³ Chagnon (1974, p. 261).

Naro, as told by Kaobawa; New Tribes Mission; Ocamo is My Town; Tapir Distribution; Tug-of-War; Yanomamo; Weeding the Garden; Yanomamo: A Multidisciplinary Study – foram montados entre os anos de 1968 e 1976. *Yanomamo of the Orinoco* veio a público em 1987, constituindo o último filme da série⁴.

É impossível refletirmos sobre esses documentários sem considerarmos a estreita relação existente entre eles e a obra de Napoleon Chagnon. Essa série documental foi idealizada por Chagnon depois da tentativa frustrada de registrar o cotidiano Yanomami durante sua primeira viagem ao campo, em 1964⁵, e tanto Chagnon como Asch consideram que esses filmes possuem caráter didático, devendo ser utilizados como material complementar à *The Fierce People* nas salas de aula⁶. Na primeira edição de seu livro, em 1968, Chagnon anuncia para breve o lançamento de um filme etnográfico que ilustrará o quarto capítulo de seu livro. A segunda, terceira, quarta e quinta edições – publicadas, respectivamente, em 1977, 1983, 1992 e 1997 – são acompanhadas das sinopses de 21 dos filmes de *Yanomamo Series* e dos endereços do Documentary Educational Resources e do CPR: Films and Video in the Behavioral Sciences, responsáveis pela distribuição desses documentários⁷.

Yanomamö: the fierce people

Yanomamö: the fierce people foi publicado pela primeira vez em 1968, numa série voltada para o ensino da Antropologia nos primeiros anos de formação universitária. Havia, então, poucas etnografias sobre os povos indígenas das terras baixas sul-americanas e o livro de Chagnon pode ser considerado a primeira etnografia moderna produzida sobre os Yanomami. Asch observa que *The Fierce People* veio a público numa época em que as controvérsias geradas pela Guerra do Vietnã haviam dividido o país – transformando a violência numa temática central de discussão em todos os Estados Unidos – e dois anos após a publicação das obras de Konrad Lorenz, *On aggression*, e de Robert Ardry, *The territorial imperative*, que tentavam estabelecer as bases biológicas do comportamento⁸.

⁴ Timothy Asch lista mais 11 filmes produzidos por ele e Chagnon, entre os Yanomami, que não foram incluídos na série: *Morning Flowers, A Woman Spin Cotton, Hunting Cricket, Children Making a Toy Hammock, Children Grooming for Lice in front of Dedeheiva's House, Children's Evening Play at Patanowa-teri, Children Play in the Rain, Sand Play, Dedeheiva rests in his Garden, Kaobawa Trades with the Reyabowei-teri, Moawa Burns Felled Timber, Young Shaman* (ASCH, 1993, p. 8-12).

⁵ Chagnon (1974, p. 260).

⁶ Sobre esse assunto, ver Chagnon (1974, p. 260); Asch e Seaman (1993, p. 7).

⁷ Chagnon exclui desse conjunto *Yanomamo of the Orinoco*, editado em 1987.

⁸ Asch (1993, p. 1-2).

O contexto no qual o livro de Chagnon foi escrito é pertinente para entendermos a imediata aceitação dessa obra pela academia estado-unidense. O que confere unidade à *The fierce people* – obra constituída a partir de informações etnográficas contraditórias e de afirmações etnocêntricas⁹ – é, justamente, a ênfase posta por Chagnon na violência que ele considera a característica definidora do ethos Yanomami¹⁰.

No primeiro capítulo de *The fierce people, doing fieldwork among the Yanomamö*, Chagnon apresenta seu livro como um guia sobre o trabalho de campo em Antropologia e uma monografia sobre um dos povos mais primitivos da face da Terra. Esse duplo aspecto de sua obra é apresentado ao leitor por meio de uma contraposição entre as imagens do antropólogo – assustado, indefeso – e do nativo – forte, nu, sujo, amedrontador e belicoso.

Adaptation, que segue o capítulo introdutório, expõe os mecanismos supostamente desenvolvidos pelos Yanomami para se adaptarem ao seu ambiente *físico, sociopolítico* e *intelectual*. Pressupondo a homogeneidade da distribuição dos recursos disponíveis nas diferentes regiões ocupadas pelos Yanomami, Chagnon considera que a floresta tropical é capaz de fornecer todos os recursos naturais necessários para a reprodução do modelo cultural Yanomami, baseado numa tecnologia rudimentar e na centralidade da agricultura na dieta alimentar do grupo.

O desenvolvimento da agricultura como uma forma de adaptação ao *ambiente físico* teria como corolário a necessidade de criar mecanismos políticos que permitissem às comunidades permanecerem num local por tempo suficiente para usufruírem dos produtos de suas roças. As alianças políticas entre grupos que habitam regiões adjacentes seriam uma das respostas adaptativas à agricultura. As *adaptações sociopolíticas* estariam, assim, em estreita consonância com as adaptações ao *ambiente físico*. Quanto maior o contingente populacional de uma comunidade, maior sua autonomia militar em relação aos grupos vizinhos. Mas, maior também o número de conflitos internos, ocasionados pelas relações extraconjugais, e a probabilidade de o grupo dividir-se, dando origem a novas comunidades.

O *meio intelectual* forneceria sustentação ideológica aos mecanismos adaptativos observados no meio *físico* e *sociopolítico*. Um dos traços característicos da cosmologia Yanomami – a liberdade que ela concederia ao indivíduo para o

⁹ Para uma análise mais detalhada das contradições etnográficas e teóricas da obra de Chagnon, ver Albert (1985, p. 111-127) e Smiljanic (1995, p. 26-47).

¹⁰ Asch (1993, p. 1-2).

exercício de sua criatividade – serviria tanto como elemento de diferenciação como permitiria, por meio da manipulação do mundo dos espíritos, pelos xamãs, expressar as alianças e divergências entre os grupos.

No terceiro capítulo, *Social organization*, concebendo uma comunidade Yanomami ideal, formada por homens de duas linhagens agnáticas distintas que trocariam irmãs entre si, o autor sugere que a obrigação da reciprocidade resultaria, nas gerações seguintes, na prescrição do casamento entre primos cruzados bilaterais e numa organização social de tipo dualista. Do modelo previamente idealizado e das principais características observadas nas adaptações sociopolíticas dos Yanomami, desdobram-se as considerações do autor sobre a organização social do grupo. As comunidades com menor contingente populacional seriam solidárias pelo interesse comum em obter esposas. Nessas comunidades, os irmãos agiriam como um grupo corporado nos arranjos matrimoniais das mulheres de sua linhagem, estabelecendo alianças com membros de outras linhagens ou comunidades. A inclusão de uma terceira linhagem na rede de trocas matrimoniais contribuiria para que a filiação criasse um elemento de diferenciação no interior dos grupos, levando à formação de facções que, com o passar do tempo, dividir-se-iam para dar origem a duas novas comunidades formadas por membros de apenas duas linhagens.

O principal motivo para a fissão seria o fato de os agnatas competirem pelas mesmas mulheres, pois a regra prescritiva de casamento os obrigaria a casarem-se dentro de uma única categoria de parentesco. Os laços de afinidade, por sua vez, perdurariam no tempo, reforçados pelas trocas matrimoniais periódicas. As mulheres, objeto da discórdia masculina, não possuiriam qualquer voz na sociedade Yanomami, sendo educadas para serem submissas e vítimas constantes da violência masculina. Os mecanismos de adaptação criados pelos Yanomami estariam articulados de tal forma que toda tentativa de romper com a troca simétrica entre dois grupos de agnatas levaria à eclosão de conflitos e posterior fissão das linhagens, de modo a restabelecer o modelo dualista de organização social. Como as comunidades teriam passado sucessivamente por esse processo, seria possível, no presente, conectar pelos laços genealógicos membros de diferentes comunidades.

Em *Political alliance, trading and feasting*, quarto capítulo de *The fierce people*, Chagnon observa que as festas intercomunitárias, entre os Yanomami, seriam potencialmente violentas, porque eles precisariam demonstrar sua bravura para não serem vítimas da agressão alheia. Mas as festas e as trocas de bens, seguidas pelas trocas matrimônias, teriam também a função de estabelecer alianças, necessárias para proteger os membros dessas comunidades de seus inimigos.

O quinto e último capítulo do livro – *Yanomamö warfare* – é dedicado exclusivamente à análise dos mecanismos de resolução dos conflitos e à guerra entre os Yanomami. Segundo Chagnon, a violência entre os Yanomami variaria numa gradação que iria dos duelos de bater no peito, passando pelas brigas de pancada, até chegar às lutas com varas e, por fim, à guerra, que seria o último nível de violência e que teria o objetivo de matar o maior número de inimigos possível numa emboscada. Eventuais roubos de comida e acusações de feitiçaria poderiam dar origem a um conflito entre grupos sem um histórico de guerras. Mas a principal causa das guerras, conclui Chagnon, seriam as brigas por mulheres que, em decorrência da prática do infanticídio feminino, existiriam em menor número que os homens. E embora nenhuma guerra fosse iniciada com a intenção de capturar mulheres, esse seria o seu lado mais desejado e benéfico, sendo que, muitas vezes, os grupos organizariam armadilhas com o único propósito de fingir querer estabelecer relações amistosas, por meio das trocas de bens, para atacar o grupo inimigo e roubar suas mulheres.

Yanomamo Series¹¹

A publicação de *The fierce people* fomentou inúmeras controvérsias. As afirmações de Chagnon sobre a situação da mulher na sociedade Yanomami desencadearam vários protestos entre feministas. Marvin Harris, por sua vez, criticando o argumento de que os Yanomami viveriam num estado crônico de guerra pela disputa por mulheres, propõe que haveria causas materiais que limitariam a expansão das comunidades Yanomami e que fomentariam a guerra, como a exigência de manter os territórios de caça para garantir a satisfação das necessidades proteicas do organismo humano. Os Yanomami tornam-se protagonistas de um debate que polarizou, de um lado, os defensores dos argumentos de Chagnon e, de outro, os defensores dos argumentos de Harris. Foi no calor desse debate que grande parte dos documentários que compõem *Yanomamo Series* foi montada e apresentada ao grande público como uma prova empírica dos argumentos de Chagnon em *Yanomamö: the fierce people*.

Man called bee remete-nos ao primeiro capítulo de *The fierce people*, retratando o dia a dia de um antropólogo em trabalho de campo. Seu caráter introdutório é marcado não apenas pela apresentação detalhada das técnicas de pesquisa de campo, adotadas por Chagnon para coletar dados genealógicos, mas também pela exposição gradual de pequenas cenas de outros filmes que

¹¹ A transcrição do conteúdo de alguns desses documentários pode ser encontrada em Asch e Seaman, 1993.

compõem *Yanomamo Series* – *Tapir Distribution, Magical Death*, as duas versões de *Mith of Naro, A Man and His Wife Make a Hammock, Tug-of-war, The Ax Fight, The Feast, Children's Magical Death, Arrows* –, que são acompanhadas por comentários sobre os principais argumentos do livro de Chagnon: a competição entre consanguíneos por mulheres, a importância do xamanismo como forma de expressão simbólica do ethos guerreiro Yanomami, a agricultura de coivara e demais respostas adaptativas do grupo ao ambiente amazônico, os conflitos internos, a guerra e as alianças, a importância da agressividade no padrão de assentamento e o comportamento do grupo.

Climbing the peach palm e *Weeding the garden* abordam os aspectos adaptativos da cultura Yanomami ao meio físico. Os aspectos adaptativos do ambiente sociopolítico encontram-se dispersos em vários filmes tais como *The Ax Fight, A Man Called Bee, Arrows, The Feast* abordados simultaneamente a outras temáticas. O meio ambiente intelectual, por sua vez, recebe destaque e é o tema de seis dos filmes apresentados aqui: *Jaguar: A Yanomamo Twin Cycle Myth As Told by Daramasima, Moonblood: A Yanomamo Creation Myth as told by Dedebeima, Myth of Naro by Kaobawã, Myth of Naro as Told by Dedebeima, Children's Magical Death* e *Magical Death*, filme premiado que, segundo Chagnon, ilustraria como a religião serve a finalidades políticas e como os xamãs podem manipular o mundo dos espíritos para expressar suas alianças (CHAGNON, 1974, p. 264).

The ax fight tem por referência o terceiro capítulo de *The fierce people*. Nesse filme, Asch e Chagnon exploram as imagens de um conflito entre os miximiximapõweiteris com o objetivo de ilustrar como a introdução de uma terceira linhagem na rede de trocas matrimoniais dessa comunidade teria ocasionado o conflito e a consequente fissão do grupo de agnatas.

The feast, constituído por parte do material produzido durante a primeira viagem de Chagnon e de Asch aos Yanomami, é apresentado pelo próprio Chagnon em *Studying the Yanomamö* como um filme didático que teria por finalidade ilustrar o quarto capítulo de *The fierce people*, demonstrando como as festas e as trocas delas decorrentes criariam e manteriam as alianças políticas entre as comunidades conflitantes. O desfecho de *The feast*, que é a morte de uma mulher de outra comunidade, que é apenas anunciado pelo antropólogo, introduz o tema de *Arrows* que destaca a importância da guerra entre os Yanomami. Nesse filme, as brincadeiras de um grupo de crianças com arcos e flechas sem ponta são apresentadas ao espectador como uma preparação para a guerra.

Os dois únicos filmes que não tratam de assuntos incluídos na primeira edição de *The Fierce People* – *Ocamo is my Town* e *New Tribes Mission* – deram

origem a um novo capítulo – *The Beginning of Western Acculturation* – incluído na segunda edição, publicada em 1976, mantendo, assim, as correlações entre o livro e a série. Sem grandes considerações teóricas, nesse capítulo Chagnon demonstra profunda admiração pelo trabalho dos salesianos entre os Yanomami, ao mesmo tempo que critica os missionários das Novas Tribos, e propõe que é necessário garantir um processo de aculturação mais humanitário para os Yanomami.

Assim, observamos uma série de paralelismos entre *The fierce people* e os documentários, entre os próprios documentários e o interior deles¹². No jogo de aproximação, pela semelhança, o conteúdo de *The fierce people* surge como a instância metadiscursiva que define o sentido dos eventos apresentados nos documentários. Como já observamos, os próprios documentários podem ser organizados segundo as temáticas abordadas nos capítulos do livro. No jogo de distanciamento, pela diferença, a autoridade do etnógrafo é reforçada.

Em *Man called bee*, a aventura do primeiro trabalho de campo de Chagnon é revivida pelo espectador, a partir de um deslocamento do centro da narrativa dos bisaasiteris para os miximiximapöweiteris que habitariam uma região de difícil acesso no coração da terra Yanomami. Mas o antropólogo não é mais o homem assustado que chega pela primeira vez numa maloca Yanomami na companhia de um missionário. Ele é um homem experiente que adentra a casa coletiva, paramentado como um Yanomami, e coloca-se em pé no pátio central da casa coletiva, esperando por seus anfitriões, demonstrando ser capaz de manejar os códigos nativos. Mais tarde, Chagnon explica que quando esteve pela primeira vez entre os Yanomami foi apelidado de *Shaki*, o nome de uma abelha, porque eles não conseguiam pronunciar seu nome, e depois de uma longa introdução sobre os métodos utilizados para coletar dados genealógicos, ele afirma que foram necessários 2 anos para penetrar no conhecimento dos mitos dos Yanomami e nos métodos utilizados pelo antropólogo para coletar mitos. O tempo autobiográfico (FABIAN, 1983) que, como na maior parte das obras de Antropologia, constitui apenas as primeiras páginas da narrativa de *The fierce people*, torna-se central em *Man called bee*, no qual a experiência de campo de Chagnon é o fio condutor para a apresentação dos principais argumentos de seu livro. Por fim, as semelhanças e diferenças observadas em várias instâncias produzem o surpreendente efeito de relegar a segundo

¹² Greg Urban (1991) propõe o uso dos termos microparalelismo e macroparalelismo para diferenciar o paralelismo, segundo as instâncias discursivas, nos quais ele se manifesta. Preferi manter aqui o uso do termo tal como definido por Jakobson (1991), embora reconheça que utilizo a noção de paralelismo num sentido mais lato que o desse autor.

plano as contradições existentes em *The fierce people* e nos documentários, e de modificar a dimensão espaço-temporal, na qual se situam os eventos descritos. Em *Magical death*, por exemplo, o registro de 2 dias consecutivos de uma sessão xamânica filmada por Chagnon, em 1970, são editadas para sustentarem um enredo que se desenvolve num tempo muito maior.

Dos filmes apresentados, considero *The ax fight* o mais espetacular de todos pelo uso que faz da linguagem cinematográfica para superdimensionar um conflito de poucos minutos de duração que eclodiu entre os miximiximapöweiteris, em 1971, e pelo efeito causado pelo uso de diferentes recursos audiovisuais. Voltemos a ele.

The ax fight

The ax fight inicia com as vozes dos Yanomami e do antropólogo [A¹], e são utilizados mapas para situar geograficamente os Yanomami e as comunidades estudadas por Chagnon e, por fim, um texto [B¹] que apresenta uma primeira versão do evento a partir do qual o documentário é constituído: a briga iniciou-se porque uma mulher apanhou quando estava na roça e seu irmão desafiou o agressor para uma luta [C¹].

São apresentadas as primeiras imagens do conflito com as vozes dos envolvidos [D¹]. Ouvimos Chagnon pedindo para o cineasta ligar sua câmera e, mais adiante, as vozes dele e do cineasta [A²]. As últimas imagens do conflito são legendadas [B²].

Surge uma tela negra [B³]. Podemos ouvir as vozes de Chagnon, de Asch e de um Yanomami [A³]. Asch pergunta o que aconteceu. Chagnon esclarece que a briga iniciou-se depois de duas mulheres desentenderam-se na roça porque uma delas havia sido seduzida por um jovem, que chamava de filho, e cometido incesto [C²].

Logo depois, surge um texto no qual Chagnon apresenta uma nova versão para o conflito [B⁴]. Um grupo de dissidentes da maloca Miximiximapöweiteri foi convidado a retornar. Essas pessoas recusavam-se a trabalhar na roça e, por isso, uma mulher negou alimento a um deles. A mulher foi agredida pelo visitante, dando origem ao conflito [C³].

Somos então, mais uma vez, absorvidos pelas cenas do conflito [D²]. São utilizadas setas para identificar os principais protagonistas do conflito [B⁵]. A voz do narrador se sobrepõe às dos Yanomami [A⁴] e apresenta uma nova versão para o evento, que destaca os laços de afinidade e consanguinidade entre os envolvidos [C⁴].

Com o auxílio de um diagrama de parentesco e de setas [B⁶], o narrador sintetiza as informações apresentadas anteriormente [A⁵]. Ele afirma que os envolvidos poderiam ser agrupados em três grupos, estando as pessoas de dois desses grupos vinculadas pela agnação, mas separadas pelos laços de afinidade. Os indivíduos desse grupo de agnatas, ao terem que se posicionar uns contra os outros, em decorrência das obrigações assumidas com seus afins, teriam provocado uma nova fissão no interior de sua linhagem [C⁵].

As cenas da briga de machado são, então, apresentadas pela última vez, dessa vez, editadas [D³].

Surge um texto [B⁷] informando que alguns dias depois uma parte dos envolvidos no conflito abandonou a maloca [C⁶]. Em síntese:

[A¹][B¹][C¹]
 [D¹][A²][B²]
 [B³][A³][C²]
 [B⁴][C³]
 [D²][B⁵][A⁴][C⁴]
 [B⁶][A⁵][C⁵]
 [D³]
 [B⁷][C⁶]

Observamos que *The ax fight* é constituído a partir do uso de três recursos: narrativa oral [A], representação gráfica [B] e imagem cinematográfica [D] que resultam na apresentação de uma versão para os eventos registrados [C]. Esses elementos são combinados, formando seis sintagmas que, pela repetição, formam as oito sequências do filme.

Na passagem de uma sequência para outra, paulatinamente, o lugar de fala do etnógrafo vai sendo revestido de autoridade. Começamos com uma versão equivocada dos eventos. O narrador anuncia para o espectador que ele está prestes a ver as imagens caóticas do conflito. Vemos, a seguir, as imagens do conflito sem edição. A voz do cineasta e de outro membro da equipe surge no meio das imagens do conflito como um ruído, pois o cineasta acredita que os Yanomami estejam brincando e, então, Changon anuncia que um rapaz levou um golpe de machado. Surgem as primeiras legendas com tradução das falas, seguidas pela segunda versão dada pelo antropólogo do evento. Passamos do registro oral para o registro escrito que apresenta uma terceira versão para o evento. Essa versão é reapresentada uma primeira vez, com a introdução de algumas explicações dadas pelo antropólogo, e uma

segunda vez com predomínio do uso de termos antropológicos, dando origem a uma quarta versão. As imagens do conflito são editadas e rerepresentadas sem qualquer explicação, pressupondo que o espectador assuma o ponto de vista do antropólogo. Um texto anuncia o desfecho do conflito que reforça a interpretação dos eventos que é construída pelo antropólogo e narrador no documentário.

Esse incremento da autoridade do etnógrafo é marcado pelas imperfeições na estrutura paralelística que colocam em destaque as mudanças operadas no percurso do documentário. As imagens do mapa e do texto, na primeira sequência, opõem-se na terceira sequência à tela negra que, no documentário, é tão significativa quanto à figura negativa de uma pausa numa partitura musical. A tela negra mostra o gráfico sintetizando as relações de parentesco entre os envolvidos no conflito; o ruído da fala do cineasta e de outro membro da equipe à narrativa do etnógrafo; o caos anunciado das imagens da segunda sequência opõe-se às imagens editadas da sétima sequência.

Durante todo esse tempo, a atenção do espectador é mantida pela rerepresentação do conflito oito vezes: por mapa e texto (1), pela imagem do conflito (2), por narrativa oral (3), por texto (4), por narrativa oral, pela imagem do conflito e por setas (5), por diagrama de parentesco e por narrativa oral (6), pelas imagens editadas do conflito (7), pelo texto final (8).

Enquanto isso, as referências espaço-temporais predominantes nas narrativas orais e escritas das diferentes sequências do filme contribuem para alterar o sentido do evento registrado. No filme, o conflito entre os *miximiximapõweiteris* é situado no presente, no passado recente, comparado a eventos transcorridos num passado mais distante. Por fim, o documentário é concluído com uma referência aos desdobramentos do conflito no futuro: a fissão da maloca, que nos remete à mesma situação relatada no passado distante. Em *The ax fight*, as imagens são editadas de tal modo que a repetição e a sobreposição causam uma supressão do tempo, característica dos mitos, congelando os Yanomami numa dimensão espaço-temporal, onde os eventos narrados repetem-se incessantemente.

Algum tempo depois... longe das telas

The ax fight e os demais filmes que compõem *Yanomamo Serie* exemplificam como o uso de recursos audiovisuais pode ser uma ferramenta eficaz na divulgação do resultado das pesquisas antropológicas, para um público mais amplo, e na construção da autoridade etnográfica. Mas esses documentários suscitam outras questões que considero dignas de nota.

Em 1975, Chagnon enviou três pesquisadores ao campo com o objetivo de coletarem informações que refutassem os argumentos de Marvin Harris¹³. Entretanto, nos anos que se seguiram, os debates teóricos que tiveram lugar na etnologia das terras baixas sul-americanas demonstraram a inadequação dos modelos explicativos de Chagnon e de Harris, e o debate entre esses dois grupos esgotou-se sem que ninguém saísse vitorioso¹⁴.

O próprio Chagnon acabou abandonando muitas das suas formulações anteriores, passando a sustentar que a violência Yanomami era decorrente da seleção genética e do altruísmo recíproco, adequando seus argumentos aos pressupostos da Sociobiologia, e tornando explícita a influência que a obra de Konrad Lorenz e, mais tarde, a de Edward Wilson exerceram na sua caracterização do ethos Yanomami pela violência (CHAGNON, 1983 e 1988). Dessa forma, se em seus primeiros escritos, Chagnon defendia que os grupos solidários eram compostos pelos parentes por afinidade. A partir dos anos de 1980, ele passou a defender que os grupos solidários eram compostos por agnatas que, por meio da violência, procurariam maximizar o número de gens passados de uma geração para outra. Chagnon acabou escondendo-se num dos bastiões das teorias deterministas dos dias atuais: a Biologia.

A publicação de novas monografias sobre os Yanomami deixou evidente que o sexismo inerente às formulações de Chagnon eram decorrentes de seu *male bias* e não uma característica intrínseca aos Yanomami. Asch, num livro publicado pouco antes de sua morte, tenta defender o caráter sexista da obra de Chagnon e, conseqüentemente, de muitos dos filmes que compõem *Yanomamo Series*, considerando-os inerentes à condição de gênero do próprio pesquisador (ASCH, 1993, p. 3). Entretanto, a defesa não justifica a caracterização distorcida que Chagnon apresenta das relações de gênero na sociedade Yanomami.

Aos poucos, a voz do antropólogo foi substituída pela voz dos Yanomami, que se tornaram os principais críticos de Chagnon. Em 1972, apenas um ano após essas filmagens terem sido concluídas, os *miximiximapöweiteris* romperem relações com Napoleon Chagnon. Sobre os motivos dessa ruptura, Chagnon afirma em *Studying the Yanomamö* que o espírito belicoso de alguns dos moradores dessa comunidade fizeram com que sua relação com eles tivesse esse desfecho. Mas esclarece também que seu método de trabalho, baseado na compilação de dados genealógicos e no registro fotográfico para identificação,

¹³ Ver Good e Chanoff, 1991.

¹⁴ Sobre essa questão, ver Viveiros de Castro (2002, p. 324-325).

irritou profundamente os Yanomami¹⁵. Descontente por ter sua família marcada a tinta, fotografada e filmada, o xamã que protagonizou *Magical death* avançou sobre Chagnon, batendo no peito do antropólogo que, por sua vez, revidou o insulto.

Os métodos intrusivos de pesquisa e documentação adotados por Chagnon, e suas demonstrações de violência num contexto no qual grande parte dos Yanomami eram atingidos por doenças infectocontagiosas para as quais ainda não haviam sido imunizados, contribuíram para que Chagnon assumisse para os Yanomami características de um feiticeiro branco¹⁶. Em Maturacá, na Amazônia brasileira, os Yanomami relatam que *Shaki* carregava em sua bagagem pós mágicos que, jogados nas fogueiras domésticas, seriam capazes de provocar explosões e fumaça, que usava para disseminar doenças entre aqueles que se recusavam a auxiliá-lo, e que ele era capaz de arrancar a própria cabeça do corpo e movimentá-la de um lado para outro. Eles lembram-se da época marcada por inúmeras mortes, em que Chagnon esteve entre os Yanomami, muitas atribuídas diretamente ao antropólogo.

Em 2000, a publicação do livro *Darkness in El Dorado*, de Patrick Tierney, reacendeu as controvérsias geradas pelo trabalho de Chagnon e colocou em evidência um problema ainda maior. As pesquisas genéticas, financiadas pela Divisão de Biologia e Medicina da Comissão de Energia Atômica estadunidense, foram realizadas sem o consentimento dos Yanomami, que buscam, agora, reaver o sangue coletado naquela ocasião¹⁷.

As atitudes de Chagnon, somadas às consequências da imagem de violência que ele criou e que foram utilizadas em diferentes momentos para justificar a expropriação do território Yanomami por elites locais, acabaram criando uma situação tal que hoje ele é figura não grata entre os Yanomami tanto do Brasil como da Venezuela. Assim, *Yanomamo Series* é também um registro fidedigno dos inúmeros erros cometidos por um antropólogo.

Mas, a despeito disso, *Yanomamo Series* segue sendo distribuída e vendida por diferentes meios. Os filmes que a compõe estão disponíveis para compra

¹⁵ Os métodos adotados por Chagnon foram registrados em *Man called bee*.

¹⁶ O contexto no qual parte dessas filmagens foi realizada – marcado por uma grande epidemia de sarampo oriunda do Brasil, que grassou toda a área Yanomami, e pela realização de uma série de pesquisas genéticas – é parcialmente retratado em *Yanomamo: A Multidisciplinary Study*, documentário produzido e narrado por James Neel.

¹⁷ Sobre as implicações éticas das pesquisas genéticas realizadas por James Neel e sua equipe, entre os Yanomami, ver Borofsky, 2005.

no *Google Video* e no site do *Documentary Ethnographic Research*¹⁸. Desde 1996, também vem sendo comercializado um CD-ROM interativo de *The ax fight*, produzido por Chagnon.

¹⁸ Disponível em: <www.der.org>.

Referências

- ALBERT, B. **Temps du sang, temps des cendres**: représentation de la maladie, système rituel et espace politique chez les Yanomami du sud-est (Amazonie brésilienne). 1985. Tese (Doutorado) – Universidade de Paris X, França, 1985.
- ASCH, T. Bias in ethnographic reporting and using the yanomamo films in teaching. In: ASCH, T.; SEAMAN, G. (Ed.). **Yanomamo**: film study guide. Los Angeles: Ethnographics, 1993. p. 1-12.
- ASCH, T.; SEAMAN, G. (Ed.). **Yanomamo**: film study guide. Los Angeles: Ethnographics, 1993.
- ATKINS, D.; ASCH, T. Yanomamo: a multidisciplinary study. In: ASCH, T.; SEAMAN, G. (Ed.). **Yanomamo**: film study guide. Los Angeles: Ethnographics Press, 1993. p. 14-40.
- BOROFSKY, R. **Yanomami**: the fierce controversy and what we can learn from it. Berkeley: University of California Press, 2005.
- BUGOS JUNIOR, P.; ASCH, T.; SEAMAN, G. The Ax Fight: Film Notes. In: ASCH, T.; SEAMAN, G. (Ed.). **Yanomamo**: film study guide. Los Angeles: Ethnographics Press, 1993. p. 132-145.
- CHAGNON, N. **Yanomamö**: the fierce people. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1968.
- CHAGNON, N. **Studying the yanomamö**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1974.
- CHAGNON, N. **Yanomamö**: the fierce people. 2ª ed. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1977.
- CHAGNON, N. **Yanomamö**: the fierce people. 3ª ed. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1983.
- CHAGNON, N. Life histories, blood revenge, and warfare in a tribal population. **Science**, v. 236, 26 fev. 1988, p. 985-992.
- CHAGNON, N. **Yanomamö**. 4.ed. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1992.
- CHAGNON, N. **Yanomamö**. 5. ed. Thomson Learning, 1997.

FABIAN, J. **Time and the other**. New York: Columbia University Press, 1983.

GOOD, K.; CHANOFF, D. **Dentro do coração**: uma viagem inesquecível pela cultura yanomami e pelos caminhos do amor. São Paulo: Best Seller, 1991.

JAKOBSON, R. Linguística e poética. In: **LINGÜÍSTICA e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1991. p. 118-162.

SMILJANIC, M. I. **Das Amazonas aos Yanomami**: Fragmentos e um discurso exotizante. Dissertação (Mestrado) - Antropologia Social, Universidade de Brasília, Brasília, 1995.

SMILJANIC, M. I. **O corpo cósmico**: o xamanismo entre os yanomami do Alto Toototobi. Tese (Doutorado) - Antropologia Social, Universidade de Brasília, Brasília, 1999.

TIERNEY, P. **Darkness in El Dorado**: how scientists and journalists devastated the Amazon. New York: W. W. Norton & Company, 2000.

URBAN, G. **A discourse-centered approach to culture**: native south american myths and rituals. Austin: University of Texas Press, 1991.

VIVEIROS DE CASTRO, E. Imagens da natureza e da sociedade. In: **A INCONSTÂNCIA da alma selvagem e outros ensaios de antropologia**. Rio de Janeiro: Cosac & Naify, 2002. p. 317-344.

Filmes

Arrows

EUA/Venezuela/Brasil, 16mm, cor, 10 min., 1974.

Realização: Timothy Asch e Napoleon Chagnon.

The Ax Fight

EUA/Venezuela/Brasil, 16mm, cor, 30 min., 1975.

Realização: Timothy Asch e Napoleon Chagnon.

Bride Service

EUA/Venezuela/Brasil, 16mm, cor, 10 min., 1975.

Realização: Timothy Asch e Napoleon Chagnon.

Childrens Magical Death

EUA/Venezuela/Brasil, 16mm, cor, 7 min., 1974.

Realização: Timothy Asch e Napoleon Chagnon.

Climbing the Peach Palm

EUA/Venezuela/Brasil, 16mm, cor, 9 min., 1974.

Realização: Timothy Asch e Napoleon Chagnon.

A Father Washes His Children

EUA/Venezuela/Brasil, 16mm, cor, 15 min., 1974.

Realização: Timothy Asch e Napoleon Chagnon.

The Feast

EUA/Venezuela/Brasil, 16mm, cor, 29 min., 1970.

Realização: Timothy Asch e Napoleon Chagnon.

Firewood

EUA/Venezuela/Brasil, 16mm, cor, 10 min., 1974.

Realização: Timothy Asch e Napoleon Chagnon.

Jaguar: A Yanomamo Twin Cycle Myth As Told by Daramasiwa

EUA/Venezuela/Brasil, 16mm, cor, 22 min., 1976.

Realização: Timothy Asch e Napoleon Chagnon.

Magical Death/Yanomamo.

EUA/Venezuela/Brasil, 16mm, cor, 29 min., 1973.

Realização: Timothy Asch e Napoleon Chagnon.

A Man and His Wife Make a Hammock

EUA/Venezuela/Brasil, 16mm, cor, 9 min., 1974.

Realização: Timothy Asch e Napoleon Chagnon.

A Man Called «Bee»: Studying The Yanomamo

EUA/Venezuela/Brasil, 16mm, cor, 40 min., 1974

Realização: Timothy Asch e Napoleon Chagnon.

Moonblood: A Yanomamo Creation Myth as told by Dedeheiwa

EUA/Venezuela/Brasi, 16mm, cor, 14 min., 1976.

Realização: Timothy Asch e Napoleon Chagnon.

Myth of Naro by Kaobawã

EUA/Venezuela/Brasil, 16mm, cor, 22min., 1975.

Realização: Timothy Asch e Napoleon Chagnon.
Myth of Naro as Told by Dedeheiwa
EUA/Venezuela/Brasil, 16mm, cor, 22 min., 1975.
Realização: Timothy Asch e Napoleon Chagnon.

New Tribes Mission
EUA/Venezuela/Brasil, 16mm, cor, 12 min., 1975.
Realização: Timothy Asch e Napoleon Chagnon

Ocamo is My Town
EUA/Venezuela/Brasil, 16mm, cor, 23 min., 1974.
Realização: Timothy Asch e Napoleon Chagnon.

Tapir Distribution
EUA/Venezuela/Brasil, 16mm, cor, 15 min., 1975.
Realização: Timothy Asch e Napoleon Chagnon.

Tug-of-war, Yanomamo
EUA/Venezuela/Brasil, 16mm, cor, 9 min., 1975.
Realização: Timothy Asch e Napoleon Chagnon.

Weeding the Garden
EUA/Venezuela/Brasil, 16mm, cor, 14 min., 1974.
Realização: Timothy Asch e Napoleon Chagnon.

Yanomamö: A Multidisciplinary Study.
EUA/Venezuela/Brasil, 16mm, cor, 1975.
Realização: James Neel, Timothy Asch e Napoleon Chagnon.

Yanomamo of the Orinoco.
EUA/Venezuela/Brasil, 16mm, cor, 1987.
Realização: Timothy Asch e Napoleon Chagnon.

Sobre os autores

Alexandro Machado Namem

Antropólogo e Professor Adjunto de Antropologia na Universidade Federal de Roraima (UFRR) (e-mail: alexandronamem@hotmail.com). Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pelas bolsas de estudo concedidas de 1998 a 2001, durante curso de doutorado não concluído na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp); aos colegas do Departamento de Ciências Sociais da UFRR, pelas sucessivas liberações de 2002 a 2007, para a realização de trabalhos de campo entre os Laklânô; aos colegas Gustavo Lins Ribeiro (Universidade de Brasília-UnB), Marco Antonio Lazarin (Universidade Federal de Goiás-UFG) e Antonio Carlos de Souza Lima (Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro-MN/UFRJ), pelos diálogos e apoios ao longo de muitos anos; aos colegas do doutorado Sidnei Peres (Universidade Federal Fluminense-UFF), da Unicamp, e Marcela S. Coelho de Souza (UnB), em disciplinas no Museu Nacional; aos amigos e/ou colegas que leram versões anteriores deste texto, inclusive pelas sugestões nem sempre incorporadas; ao amigo Sávio L. Sens (Pontifícia Universidade Católica do Paraná-PUC/PR), pela convivência nesses 10 anos em que nos conhecemos e pelos apoios nas horas em que mais precisei; à Onadir e ao Gerson Dietrich, bem como à família Davi Vinci, em Ibirama (SC), pela amizade e por tudo que fizeram por mim; e ao Rodrigo Paranhos Faleiro (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis-Ibama), Cristhian Teófilo da Silva (UnB) e Stephen G. Baines (UnB), por publicarem este texto. Ao último, também, pela amizade e pelos diálogos e apoios ao longo de muitos anos; dedico este texto à Vanessa Lea (Unicamp), à Lana Araújo, ao Rafael José de Menezes Bastos (Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC), à minha avó materna Maria Lúcia da Silva Machado (in memoriam), às minhas mães Laklânô Iocô Uvânhecû e Aneglon Ndili, e aos meus netos Lucca Giacomazzi Picon e Sara Feijó.

Claudia López Garcés

Antropóloga, pesquisadora do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG); professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará (PPGCS/UFPA). clapez@museu-goeldi.br

O artigo está baseado na pesquisa entre os Ticuna da trifronteira Brasil/Colômbia/Peru para o Doutorado em Antropologia pelo Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre América Latina e o Caribe (CEPPAC), da Universidade de Brasília (UnB) (2000),

e numa pesquisa entre os Galibi do Oiapoque, na fronteira Brasil/Guiana Francesa, efetuada entre os anos 2001-2002. Agradeço à Capes pela bolsa de doutorado e ao CNPq pela bolsa para efetuar a pesquisa na fronteira Brasil/Guiana.

Cláudia Tereza Signori Franco

Possui Graduação e Pós-Graduação em Antropologia Social pelas Universidades de Brasília (UnB) e Católica de Brasília (UCB); Especialização em Gestão Ambiental e Ordenamento Territorial pela UnB e Mestrado (bolsista Capes) em Planejamento e Gestão Ambiental pela UCB. Atua como coordenadora de projetos do Instituto Etno Ambiental e Multicultural Aldeia Verde - IEMAV, onde realiza a implementação e o monitoramento de projetos de desenvolvimento junto aos povos indígenas e comunidades tradicionais. Tem experiência na área de Antropologia Social, com ênfase em política indigenista, atuando principalmente nos seguintes temas: Planejamento e gestão ambiental em terras indígenas (TIs), Levantamento de Impactos Socioambientais em TIs, Levantamento Demográfico e Fundiário em TIs, Antropologia & Meio Ambiente, Organização Social Indígena e Sistema de Monitoramento e Avaliação de Projetos de Etnodesenvolvimento.

Cloude de Souza Correia

Possui doutorado em Antropologia pelo PPGAS/UnB, concentrando-se nas áreas de Antropologia Ecológica, Sociedades Complexas, Relações Interétnicas e Cartografia Social. Atua principalmente com os seguintes temas: povos indígenas, mapeamentos participativos, unidades de conservação, conflitos socioambientais, gestão territorial e processos fundiários. Nos últimos anos, prestou diversas consultorias para organizações não governamentais e órgãos dos governos Federal e Estadual com o propósito de contribuir com a consolidação de processos de regularização fundiária de terras indígenas e de ações de gestão territorial junto a povos indígenas da Amazônia. Em atividades de docência esteve vinculado ao curso de Comunicação das Faculdades Integradas ICESP por quatro anos. Atualmente, é coordenador de projetos do Instituto Internacional de Educação do Brasil (IEB), atuando junto a povos indígenas situados em estados da Amazônia brasileira: Rondônia, Amazonas, Acre e Pará. Como coordenador organiza cursos e seminários relacionados com a temática da gestão territorial indígena e do fortalecimento institucional de associações indígenas. Relações Interétnicas; Antropologia Ecológica; Sociedade e Meio Ambiente e Antropologia Política.

Cristhian Teófilo da Silva

Graduado, Mestre e Doutor em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (UnB), onde é Professor no Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas (CEPPAC). Atualmente, realiza pesquisas comparadas sobre movimentos indígenas,

políticas indigenistas e indigenismo no Brasil e no Canadá, com ênfase nas relações entre maiorias nacionais e minorias étnicas. silvact@unb.br

David Ivan Rezende Fleischer

Trabalha para a Fundação Interamericana (IAF) como representante para o Brasil e o Uruguai. Foi Diretor Executivo da Associação de Estudos Brasileiros (Brasa) e Coordenador do Instituto Lemann de Estudos Brasileiros na Universidade de Illinois em Urbana-Champaign. Trabalhou no Programa- Piloto para a Proteção das Florestas Tropicais do Brasil (PPG-7), no Programa de Pequenos Projetos (PPP) e outros projetos do Fundo Mundial de Meio Ambiente (GEF) e Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). É doutor em Antropologia pela University at Albany (SUNY-Albany) e mestre em Antropologia pela Universidade de Brasília (UnB). David lecionou Antropologia em universidades americanas e desenvolveu pesquisas sobre a relação de projetos de conservação ambiental com projetos de desenvolvimento comunitário de ecoturismo. Atualmente, na IAF, coordena projetos de desenvolvimento de base no Brasil e no Uruguai.

Gersem José Santos Luciano dados

É índio Baniwa, graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Amazonas (1995) e mestre em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (2006). Foi membro do Conselho Nacional de Educação no período de 2006 a 2008. Atualmente é doutorando em Antropologia Social pela Universidade de Brasília, Coordenador-Geral de Educação Escolar Indígena do Ministério da Educação e Diretor Presidente do Centro Indígena de Estudos e Pesquisas (Cinep). Tem experiência na área de Educação, Gestão de Projetos e Desenvolvimento Institucional com ênfase em Política Educacional, atuando principalmente nos seguintes temas: educação indígena, política indigenista, movimento indígena, desenvolvimento sustentável e povos indígenas.

Isis Maria Cunha Lustosa

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia/IESA/UFG. Mestre em Geografia/IESA/UFG. Especialista em Turismo e Meio Ambiente/UECE. Membro do Grupo de Pesquisa Geografia Cultural: Território e Identidade/IESA/UFG. Colaboradora no projeto As Identidades Sociais e suas Formas de Representações Subjacentes nas Práticas Culturais/IESA/UFG, e no projeto A Dimensão Territorial das Festas Populares e do Turismo: Estudo Comparativo do Patrimônio Imaterial em Goiás, Ceará e Sergipe, pela UFG/UFS/UFC. Técnica Especializada em Programa de Cooperação Internacional/MMA/PDA.

Jaime Garcia Siqueira

Doutor em Antropologia Social pela UnB com mestrado também em Antropologia Social pela USP. É professor adjunto da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA),

coordenador de projetos do Centro de Trabalho Indigenista (CTI) e atualmente trabalha como coordenador-geral substituto da Coordenação-Geral de Gestão Ambiental da Funai (CGGAM). Este artigo é baseado em sua tese de doutorado (2007) e seus principais temas de interesse são as configurações contemporâneas dos movimentos indígenas no Brasil, como eles têm lidado com a questão ambiental e o papel do antropólogo diante desses movimentos e das políticas de Estado.

Josué Tomasini Castro

Doutorando em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (UnB); bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Desde 2005 trabalha junto às comunidades Herero na Namíbia. Principais publicações: *Vá e conte ao seu povo: interpretações e mediações no trabalho antropológico*. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Antropologia, v. 3: p. 79-91, 2008; *Sincretismo e Resistência: o caso africano da igreja Oruuano*. Campos (UFPR), v. 9, p. 131-157, 2008; *What's your Nation? Nationalist Itineraries in Namibian History*. Vibrant (Online), v. 5, p. 128-146, 2008.

Katianne de Sousa Almeida

(e-mail:ksantropologia@gmail.com) Mestranda em Antropologia Social da Universidade Federal em Goiás. Especialista em História Cultural pela Universidade Federal de Goiás em 2009. Possui graduação em Antropologia (bacharelado), 2006, e Ciências Sociais (licenciatura), 2005, pela Universidade de Brasília. Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Arte Indígena, Patrimônio e Museologia, Revitalização Urbana, Urbanismo, Gênero, Sexualidade e Mídia. Atualmente trabalha como Analista Legislativa na Comissão de Saúde e Promoção Social da Assembleia Legislativa do Estado de Goiás. Atua principalmente nos seguintes temas: Direitos Humanos, Políticas de Saúde para Mulheres, Assessoramento Temático às demandas do Legislativo Goiano.

Leonardo Schiocchet

Ph.D. em Antropologia Social, Boston University (depois de 1º de maio de 2010). Junior Visiting Fellow do Institut für die Wissenschaften vom Menschen, Viena (IWM) (até 30 de junho de 2010).

Luis Cayón

Antropólogo pela Universidad de Los Andes, Bogotá, Colômbia, (1998), Mestre em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (2005) e Doutorando em Antropologia Social pela mesma instituição. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). É autor do livro *En las aguas de yuruparí. Cosmología y chamanismo Makuna* (2002) e coautor do livro *Etnografía Makuna. Tradiciones, relatos y saberes de la Gente de Agua* (2004). É autor de vários

artigos em capítulos de livros e periódicos nacionais e internacionais, principalmente na área de Etnologia Indígena.

Luís Guilherme Resende de Assis

Doutorando em Antropologia Social; bolsista CNPq. Artigo baseado na monografia de graduação (Resende de Assis, 2004) e no artigo de seleção de mestrado da UnB escrito em 2004. Atualmente, desenvolve pesquisa na Antártida junto a cientistas, militares e alpinistas.

Maria Inês Smiljanic

Doutora em Antropologia pela Universidade de Brasília e professora do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Paraná. Desenvolve pesquisa entre os yanomães do Alto Toototobi e entre os Yanomami de Maturacá. Coordena a equipe associada do PPGAS-UFPR no Projeto de Cooperação Acadêmica: Etnologia Indígena e Indigenismo – novos desafios teóricos e empíricos, financiado pela Capes.

Maxim Repetto

Bacharel em Humanidades com menção em História - Universidade do Chile (1994), Mestre em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (1997) e Doutor em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (2002). Atualmente é professor Adjunto III na Universidade Federal de Roraima/UFRR, atuando como professor no Curso de Licenciatura Intercultural do Instituto Insikiran de Formação Superior Indígena. Realiza Pós-Doutorado no Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social (CIESAS, DF- México), com Bolsa Capes/MEC/Brasil (2009-2010). Tem experiência na área de Antropologia Política, Antropologia da Educação, Políticas Indigenistas e Indígenas, Movimentos e Organizações Indígenas, Etnologia Indígena e Povos Indígenas em Roraima, educação escolar indígena, com ênfase na Formação de Professores Indígenas, plano de manejo ambiental e etnomapeamento de terra indígena e assessoria em projetos sociais a organizações indígenas.

Rodrigo Pádua Rodrigues Chaves

Possui graduação em Ciências Sociais com habilitação em Antropologia pela Universidade de Brasília (1997) e mestrado em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (2004). Possui 14 anos de experiência na área de Antropologia Social, com ênfase em Etnologia Indígena, atuando principalmente nos seguintes temas: identificação de terras indígenas, prática antropológica, política indigenista, estudos etnoecológicos de terras indígenas e turismo étnico.

e-mail: rodrigo.chaves73@gmail.com

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2730318839586069>

Rodrigo Paranhos Faleiro

Cursa Doutorado no Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas da UnB, onde pesquisa grupos indígenas que vivem em áreas protegidas nas fronteiras da Amazônia. Recebeu o título de Mestre em Antropologia pela Universidade de Brasília (2005), com a dissertação *Unidade de Conservação versus Terra Indígena, um Estado em conflito: estudo da influência da pessoa na gestão pública*. Cursou especialização e aperfeiçoamento na Unicamp/Nepam, monografia *Viabilidade do Ecoturismo no Parque Nacional Chapada dos Veadeiros* (1999); Unicamp/Nepo, *Vetores de Desenvolvimento da Região Norte* (1998); Cesape, *Jalapão: a última fronteira* (1990); Usaid/IIEB, *Proposta de um procedimento para a criação de unidades de conservação*, entre outros cursos. Possui seis capítulos publicados em livros (dois outros em fase de publicação no México e nos Estados Unidos), duas dezenas de trabalhos acadêmicos apresentados e publicados em Anais de eventos nacionais e internacionais, e vários outros trabalhos técnicos na área de meio ambiente, populações tradicionais e povos indígenas. Atualmente, está organizando um livro sobre Ecoturismo em Áreas Protegidas com o professor Paul E. Little (UnB) e David Ivan R. Fleischer (Suny), com o qual coordenou três discussões sobre o tema na Reunião de Antropologia Equatorial em Sergipe (2007), Encontro da Associação Americana de Antropologia em San Francisco (2008) e, em junho, no Congresso Internacional de Americanistas no México (2009). Além dessas atividades, trabalhou no Projeto Catalisando as contribuições das Terras Indígenas para a conservação dos ecossistemas florestais brasileiros, na Cooperação Brasil/França em Áreas Protegidas, no Plano de Administração da Área sob Dupla Afetação pelo Parque Nacional Monte Roraima e a Terra Indígena Raposa Serra do Sol, no Programa de Áreas Protegidas da Amazônia, no Projeto de Conservação do Cerrado no Jalapão, entre outros.

Santiago Plata Rodríguez

Profissional independente do setor de Artes Interpretativas.

Sílvia Guimarães

Doutora em Antropologia pela Universidade de Brasília, professora adjunta do Curso de Saúde Coletiva, Campus Ceilândia/Universidade de Brasília. Atua na área de Etnologia Indígena, especialmente nas discussões sobre corporalidade e xamanismo. Este trabalho está baseado em pesquisa de campo realizada entre os Sanumá-Yanomami.

Stephen Grant Baines

Professor Associado do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília (UnB), Pesquisador 1A do CNPq. Graduado (BA Hons. em Árabe e Sociologia da Religião), University of Leeds, Inglaterra (1971), M.Phil. em Antropologia Social pela University of Cambridge, Inglaterra (1980), e Doutor em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (1988) e Pós-Doutorado (UBC, Canadá; e ANU, Austrália, 2009-2010). É brasileiro naturalizado. Tese de doutorado: *É a Funai que Sabe: A*

Frente de Atração Waimiri Atroari, publicada em forma de livro, em 1991, pelo Museu Paraense Emílio Goeldi/CNPq. Possui diversas publicações em periódicos nacionais e internacionais na área de Etnologia Indígena, Identidade e Relações Interétnicas, Antropologia Política, Povos Indígenas e os Impactos de Grandes Projetos de Desenvolvimento Regional, e Etnicidade e Nacionalidade em Fronteiras. Projeto de Pesquisa atual: Etnologia Indígena Comparada: Brasil – Austrália – Canadá (com pesquisas etnológicas com povos indígenas), pesquisa junto aos povos makuxis e wapichanas sobre etnicidade e nacionalidade na fronteira Brasil/Guiana desde 2000; e acompanhamento da situação dos Tremembé do litoral do Ceará desde 2000. Desde janeiro de 2008 atua sobre a situação de indígenas no sistema penitenciário de Boa Vista/Roraima. Coordenador fundador do Geri em 1997.

Thaís Teixeira de Siqueira

Doutoranda em Antropologia pela Universidade de Brasília (2006/2010). Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Goiás (2002) e mestrado em Antropologia pela Universidade de Brasília (2006). Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Comunidades Quilombolas e Cultura Popular, atuando principalmente nos seguintes temas: patrimônio imaterial, INRC (Inventário nacional de referências culturais), turismo cultural, festa, memória, musicalidade, folias, racialidade e pós-colonialidade.

Thiago Ávila (*in memoriam*)

Possuo graduação em Antropologia pela Universidade de Brasília (2001) e mestrado em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (2004). Atualmente sou antropólogo consultor da ACT Brasil (Equipe de Conservação da Amazonia). Minhas experiências profissionais são na área de Antropologia, com ênfase em Etnologia Indígena, atuando principalmente nos seguintes temas: política interétnica, povos indígenas, biopirataria, conhecimento tradicional associado a recursos genéticos, krahô e indigenismo. Atuei como assessor de organizações indígenas, organizações não-governamentais indigenistas e órgãos governamentais.

Sobre o Grupo de Estudos em Relações Interétnicas

O Geri é um grupo de estudos dedicado ao estudo amplo das relações interétnicas. Nosso propósito é a produção e divulgação do conhecimento produzido por estudantes, pesquisadores e profissionais de diferentes áreas e campos de atuação.

O Grupo de Estudos em Relações Interétnicas (Geri) foi formado em 1997 por estudantes e pesquisadores de graduação e pós-graduação do Departamento de Antropologia (DAN) e do Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas (CEPPAC), da Universidade de Brasília (UnB), tendo como Coordenador o Prof. Dr.

Stephen Grant Baines e a colaboração de Maxim Repetto, na época, mestrando em Antropologia.

Desde sua criação buscamos abrir um espaço crítico de diálogo acerca de temas referentes às relações interétnicas em termos abrangentes, sendo estimulada a divulgação de trabalhos em nosso Boletim e a participação em nosso programa de seminários.

Vários projetos de pesquisa foram iniciados e realizados a partir das discussões do Geri, o que viabilizou a elaboração de monografias de graduação e pós-graduação, artigos e a organização de grupos de trabalho em congressos científicos. Parte desses resultados podem ser acessados através do Boletim Anual do Geri disponível em nossa página.

Venha conhecer o Grupo de Estudos em Relações Interétnicas (Geri). Apresente seus trabalhos e publique seus textos na Interétnica – Revista de Estudos de Identidade e Relações Interétnicas.

<http://e-groups.unb.br/ics/dan/geri/index.php?page=0>

O IEB

O Instituto Internacional de Educação do Brasil (IEB) é uma associação civil brasileira sem fins lucrativos, voltada para a capacitação e formação de pessoas ligadas à conservação ambiental, tendo como eixos a capacitação técnica, institucional e política.

Criada em 1998 e sediada em Brasília-DF, a entidade se destaca por uma atuação que considera e estabelece pontes entre a conservação dos recursos naturais e as dimensões econômicas, sociais e culturais da sustentabilidade, buscando fortalecer as comunidades locais.

Promovendo autonomia na gestão dos seus territórios e dos recursos naturais com participação, diálogo permanente, valorização das diferenças e incentivo à atuação das populações locais, o IEB desenvolveu uma reconhecida *expertise* em processos de articulação entre setores que, historicamente, têm tido dificuldade de aproximação e diálogo.

Os programas e projetos da instituição atendem indivíduos que atuam com a conservação ambiental e o desenvolvimento sustentável, em suas diversas interfaces, com foco no bioma amazônico. Desse público destacam-se: comunidades extrativistas, assentados, populações indígenas, profissionais e estudantes da área ambiental.

Missão

Capacitar, incentivar a formação, gerar e disseminar conhecimentos e fortalecer a articulação de atores sociais para construir uma sociedade sustentável.

